



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA**

Hugo Dante Cyro Macedo Müller

*AS REFORMAS DE BASE NAS PÁGINAS DO ÚLTIMA
HORA E NA SALA DE AULA: SENTIDOS EM DISPUTA*

Rio de Janeiro

2024

HUGO DANTE CYRO MACEDO MÜLLER

**AS REFORMAS DE BASE NAS PÁGINAS DO ÚLTIMA HORA E NA SALA DE AULA:
SENTIDOS EM DISPUTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Orientador: Dr. Leandro Climaco Almeida de Melo Mendonça,

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M958 Müller, Hugo Dante Cyro Macedo

As reformas de base nas páginas do Última Hora e na sala de aula :
sentidos em disputa / Hugo Dante Cyro Macedo Müller. – Rio de Janeiro,
2024.

55 f.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de História)
– Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura.

Orientador: Leandro Climaco Almeida de Melo Mendonça.

1. História - Estudo e ensino. 2. Reformas de base – Brasil. 3. Política -
História. 4. Jornais brasileiros - História. 5. Última Hora (Jornal). I.
Mendonça, Leandro Climaco Almeida de Melo. II. Colégio Pedro II. III.
Título.

CDD 907

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

HUGO DANTE CYRO MACEDO MÜLLER

**AS REFORMAS DE BASE NAS PÁGINAS DO ÚLTIMA HORA E NA SALA DE
AULA: SENTIDOS EM DISPUTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 12 de abril de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Climaco de Almeida de Melo Mendonça
Colégio Pedro II – Pós-graduação Ens. História
Orientador

Prof. Dra. Renata Augusta dos Santos
Colégio Pedro II – Pós-graduação Ens. História

Profa. Dr. Pedro Guimarães Pimentel
Colégio Pedro II – Departamento de História

2024

Dedico este TCC a todos os meus ex-alunos da Escola Municipal Moysés Ramalho, da cidade de Araruama, e aos meus atuais alunos da Escola Municipal Bartolomeu Bueno da Silva, da cidade de São Caetano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Colégio Pedro II pela possibilidade de me aperfeiçoar enquanto professor. Ao meu orientador Leandro Climaco que me deu lições valiosas durante a pesquisa e a escrita do TCC, sempre de forma generosa e atenta. Agradeço, por fim, aos meus colegas de trabalho e aos meus alunos que constroem diariamente o espaço escolar.

RESUMO

MÜLLER, Hugo Dante Cyro Macedo. **As reformas de Base nas páginas do Última Hora e na sala de aula: sentidos em disputa.**2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

Palavras-chave: Ensino de História; periódicos; Reformas de Base.

O presente TCC tem como objeto de estudo a pesquisa das reformas de base através de periódicos enquanto uma proposta de investigação histórica para o Ensino de História. Assim, pretendemos refletir e propor contribuições aos saberes docentes a partir do estudo do conceito de “reformas de base” no jornal *Última Hora*, de 1950 a 1964. A pesquisa nos jornais sobre as reformas de base possibilitará a produção de um objeto pedagógico – proposta de investigação histórica- no qual conteúdos procedimentais e atitudinais serão desenvolvidos. Ambos os conteúdos serão construídos no âmbito da formação do aluno-investigador, ou seja, o conhecimento histórico através da pesquisa ativa da história por parte dos estudantes. No primeiro capítulo, o TCC analisará as formulações e o desenvolvimento das reformas de base dentro do PTB no jornal *Última Hora*. A baliza cronológica parte de 1950 e se encerra em 1964, com o intuito de identificar possíveis recorrências do conceito na época e as disputas pelos seus sentidos. O objetivo é realizar uma pesquisa que funcione enquanto um modelo de investigação histórica a ser aplicado em sala de aula. O segundo capítulo tem como objetivo a proposição de uma atividade de investigação histórica para os estudantes do 3º ano do Ensino Médio e estabelecer reflexões acerca do Ensino de História. O cerne deste TCC parte da premissa de que o aluno pode ser um investigador da História. O uso dos jornais enquanto fontes históricas para os historiadores servem também enquanto fonte de saberes necessários para os estudantes no conjunto de suas habilidades e conteúdo a serem construídos. Os jornais, na proposta de atividade, não são meros materiais pedagógicos, mas o próprio corpus do saber histórico a serem investigados com metodologia e historiografia. Assim, o presente TCC visa atuar de forma reflexiva sobre os saberes da experiência, aqueles que são produzidos no espaço de atuação profissional do docente e não nas disciplinas universitárias ou no conteúdo curricular.

ABSTRACT

MÜLLER, Hugo Dante Cyro. **Basic reforms in the pages of *Última Hora* and in the classroom: meanings in dispute.** 2024. Course Completion Work (Specialization in History Teaching) – Dean of Postgraduate Studies, Research, Extension and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

Keywords: History Teaching; periodicals; Basic Reforms

The object of study of this paper is the research of “basic reforms” through newspapers as a historical research proposal for History Teaching. Therefore, this paper aims to reflect and propose contributions to teaching knowledge based on the study of the concept of “basic reforms” in the newspaper *Última Hora* from 1950 to 1964. Research in newspapers about the “basic reforms” enabled the production of a pedagogical object – historical research proposal -, providing the training of student-researchers; that is, the construction of historical knowledge through active research into history by students. The paper is based on the premise that the student can be a researcher of History. The use of newspapers as historical sources for historians also serves as a source of knowledge necessary for students in terms of their set of skills and knowledge that must be built.

RESUMEN

MÜLLER, Hugo Dante Cyro. **Reformas de Base en las páginas del periódico Última Hora y en la clase: significados en disputa**. 2024. Trabajo de Conclusión de Curso (Especialidad en Enseñanza de la Historia) – Prorectoría de Estudios de Posgrado, Investigación, Extensión y Cultura, Colégio Pedro II, Río de Janeiro, 2024.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia; periódicos; Reformas de base.

El presente Trabajo de Finalización de Curso se propone a investigar las Reformas de Bases a través de periódicos como propuesta de investigación histórica para la enseñanza de la Historia. Así, este Trabajo de Finalización de Curso tiene como objetivo reflexionar y proponer aportes a la Enseñanza de La História a partir de la investigación del concepto de “reformas de base” en el periódico Última Hora, en el período de 1950 a 1964. Las investigaciones en periódicos sobre las reformas de base permitieron la producción de un objeto pedagógico – propuesta de investigación histórica – logrando proporcionar la formación de estudiantes-investigadores, es decir, la construcción del conocimiento histórico a través de la investigación activa de la historia por parte de los estudiantes. El TCC se basa en la premisa de que el estudiante puede ser un investigador de la Historia. El uso de los periódicos como fuentes históricas para los historiadores también sirve como fuente de conocimientos necesarios para los estudiantes en formación ciudadana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPDOC-FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.

PCB – Partido Comunista do Brasil

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

JK – Juscelino Kubitscheck

UH – Última Hora

UDN – União Democrática Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO I- AS REFORMAS DE BASE NO JORNAL <i>ÚLTIMA HORA</i>	14
3	CAPÍTULO II- PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA ATRAVÉS DOS JORNAIS	40
4	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O presente TCC parte de um esforço de aliar a prática da pesquisa com o Ensino de História. As diversas segmentações entre o *pesquisar* e o *aprender* transformam o espaço escolar em um local de reprodução da história. Assim, desenvolve-se hierarquias que alijam os estudantes da própria prática da pesquisa e transformam os professores em meros reprodutores da história. Trata-se de um problema central que pretendemos propor alternativas e reflexões neste TCC. Desta maneira, o objetivo deste Trabalho trata-se de uma proposta pedagógica na qual seja possível que o *aprender* história se realize no ato de *pesquisar*.

Escolhemos o uso de jornais como fonte para a prática de pesquisa por ser um material rico em imagens de pensamentos, sínteses de pensamentos e estratégias discursivas em prol de interesses e visões de mundo. Para além dessas múltiplas possibilidades a serem investigadas, os meios de comunicação atravessam a formação do ser social na contemporaneidade. Assim, a leitura crítica sobre jornais e outras mídias torna-se premente para a formação da cidadania.

No TCC, as reformas de base foram escolhidas como objeto de estudo pois trata-se de um conceito central para compreender o Brasil Republicano e mais especificamente a experiência democrática de 1945-1964. As reformas de base comportaram diversas demandas populares forjadas em importantes lutas sociais que conferirem identidades políticas que são latentes até os dias atuais. Pesquisar sobre as reformas de base é também compreender a luta de classes em sua complexidade em um período decisivo para o país e que deixou permanências para a atualidade em forma de atrasos, desigualdades, mas também em estratégias e articulação para a emancipação e o alargamento da cidadania.

O TCC foi dividido em dois capítulos. No capítulo I iremos pesquisar as reformas de base nos jornais, mais especificamente no *Última Hora*. A esta altura, o objetivo é levantar reflexões e apresentar um itinerário de como o conceito de reformas vai se forjando nas lutas sociais e como isso é representado nas páginas do jornal. Extrairemos procedimentos e reflexões sobre o uso dos periódicos na pesquisa da história e a análise do conceito de reformas de base que serão retomados no segundo capítulo. O capítulo II irá se desenvolver no sentido de propor um roteiro de investigação para os estudantes sobre o conceito de reformas de base nos jornais. O objetivo é a construção, para além dos conteúdos factuais do período em questão,

dos conteúdos procedimentais da análise das estratégias discursivas em periódicos e a análise dos conceitos históricos e seus diversos sentidos em disputa, relacionando com os interesses de classe mobilizados. Assim como a construção de conteúdos atitudinais que giram entorno do desenvolvimento de atitude e valores democráticos, o senso crítico em relação aos meios de comunicação e, por fim, a exposição da história em uma perspectiva plural.

2. CAPÍTULO I- AS REFORMAS DE BASE NO JORNAL *ÚLTIMA HORA*

Neste capítulo, iremos pesquisar as formulações e o desenvolvimento das reformas de base dentro do PTB a partir da análise do jornal *Última Hora*¹. O intuito é estabelecer um estudo de caso que possa suscitar reflexões e servir com um modelo de investigação histórica para o Ensino de História.

Inicialmente, pensamos em recortar apenas o período do Governo João Goulart (1961-1964), contudo, com o desenvolver das pesquisas percebemos a importância de retrocedermos à década de 1950, mais especificamente no último governo Vargas, para identificar possíveis recorrências do conceito e seus sentidos na época.

Portanto, temos como objeto de estudo as reformas de base no jornal *Última Hora*. As fontes que utilizaremos serão de natureza hemerográfica, mais especificamente o jornal *Última Hora*. Para tal, utilizamos o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Portanto, temos o objeto, as fontes e o meio para acessá-las.

Neste trabalho, os jornais são compreendidos para além de meros veículos de informação que espelham a realidade. Assim, evitaremos compreender as notícias, reportagens e artigos de opinião como espaços isolados do restante do jornal. Ao contrário, pretendemos articular os conteúdos aqui analisados no contexto mais amplo das lutas sociais. Assim, não tomaremos as publicações da imprensa periódica como expressões de realidades passadas ou presentes (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

Antes de realizarmos as pesquisas na hemeroteca digital do BN, pensamos em fazer um levantamento dos principais eventos que marcaram o período do governo João Goulart, e a própria virada da década de 1950 para 1960. Isso foi feito com a contribuição da historiografia mobilizada, de maneira que pudéssemos selecionar o que seria pesquisado na Hemeroteca. Esta dá opções de pesquisa avançadas na qual podemos selecionar o periódico, o período e o termo a ser pesquisado. A esta altura é importante ressaltarmos o papel do aluno-investigador, capaz de compreender conceitos basilares da história como, por exemplo, o evento histórico. Abaixo, listamos os eventos históricos selecionados:

- 1- Lançamento das Reformas de Base- Discurso de San Tiago Dantas na Câmara dos Deputados. Data: 30/03 1959

¹ Ao longo do trabalho o jornal também será denominado como UH.

- 2- XI Convenção Nacional do PTB. Data: 01 e 02 de maio de 1959
- 3- XII Convenção Nacional do PTB. Data: 17 e 18 de fevereiro de 1960
- 4- Discurso do João Goulart, vice-presidente e presidente do Senado Federal. Data: 01/01/1961
- 5- XIII Convenção Nacional do PTB. Data: 03/06/1961
- 6- Discurso de posse do João Goulart como presidente no Parlamentarismo. Data: 07/09/1961
- 7- Discurso de Goulart no Encerramento do I Congresso Nacional do Trabalhador Rural. Data: 17/11/1961
- 8- Eleições parlamentares e para governadores. Data: outubro de 1962.
- 9- Campanha do plebiscito. Data: janeiro de 1963; dia da votação: 06 de janeiro.
- 10-Mensagem ao Congresso Nacional. Data: janeiro de 1963.
- 11-Discurso de João Goulart na Central do Brasil. Data: 13 de março de 1964.
- 12-Mensagem ao Congresso Nacional, de João Goulart. Data: 15 de março de 1964.
- 13-XIV Convenção Nacional do PTB. Data: 20 e 21 de março de 1964

Podemos dividir os 13 momentos históricos em três categorias. 1- As atividades partidárias (Convenções Nacionais do PTB), que ganharam uma pesquisa mais detida nos jornais do UH. 2- Períodos eleitorais. 3- Discursos e mensagens de João Goulart. As categorias dois e três são compostas por outros tipos de fontes para além da hemerográfica: discursos parlamentares e discursos em comícios. Compondo assim um trabalho que privilegia os jornais enquanto fonte principal, mas conjugado com demais fontes escritas.

Contudo, assim que iniciamos a pesquisa de tais momentos históricos, através do uso do termo “reformas de base” na Hemeroteca Digital, percebemos que a sua ocorrência precedia a virada dos anos 50 para o 60. Sentimos a necessidade de compreender as ocorrências anteriores do termo no vocabulário político do Brasil. Assim, retrocedemos para dois períodos anteriores: os anos 40 e o último governo Vargas. Pois é de grande valia entender o início do itinerário do conceito² de “reformas de base”, qual a transformação do seu sentido ao longo do tempo através das páginas do UH?

² Aqui entendemos o conceito enquanto uma unidade discursiva aberta (LACLAU, 2015).

As reformas de base e seus antecedentes nas décadas de 1940 e 1950

As reformas de base surgem no vocabulário político brasileiro na década de 1940. São poucas as referências às palavras “reformas de base” nas revistas e jornais dessa década. O termo começa a aparecer com mais frequência no *Diário Carioca*³ em meados de 1940. Por meio do texto do jornalista e dono do jornal, Soares Macedo, em sua coluna logo na capa. Em seu texto, Soares destaca os feitos do interventor do Rio Henrique Dodsworth que optou por uma reforma de base na administração da prefeitura. No mesmo ano, em novembro, Assis Chateaubriand, em sua coluna em *O Jornal*⁴, escreve sobre a importância das reformas de base realizadas dentro do exército por Goes Monteiro. Em 1946, em uma de suas colunas de notícias, o *Diário da Noite*⁵ noticia os desajustes realizados na carreira do magistério depois da reforma educacional. O título da matéria é “Reformas de Base”.

O resultado da pesquisa na Hemeroteca Digital nos dá uma melhor dimensão sobre o sentido que o termo “reformas de base” possuía na década de 1940. Em geral, possui sentido de reformas mais estruturais, que apontam para modificações de maior envergadura em diferentes áreas da vida social, tais como economia, saúde, educação etc. Foi utilizado tanto para se referir às grandes transformações de nações, como fez Chateaubriand, até aquelas mais profundas de um certo setor da administração pública, à exemplo de Soares Macedo. Portanto, o sentido era operado, na maioria das vezes, no intuito elogioso dos grandes feitos. As reformas de base não estavam ligadas a um determinado movimento ou orientação política. Não era um tema envolto de polêmicas e nem dividia opiniões.

No início dos anos 50, o sentido mais amplo de “reformas de Base” se mantém, tal qual dado na década de 1940, contudo, o novo contexto e os atores sociais que as

³ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/2017. O Diário Carioca foi fundado em 17 de julho de 1928 por José Eduardo Soares e extinto em 31 de dezembro de 1965. Surgiu enquanto um jornal de oposição à Washington Luís, e se desenvolveu enquanto um veículo crítico ao getulismo. Teve um ponto de virada política com aproximação ao governo JK nos anos 50.

⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/4166. O Jornal foi fundado em 17 de Julho de 1919 por Renato de Toledo, posteriormente foi adquirido por Assis Chateaubriand, tornando-se líder de audiência no Rio de Janeiro dentro da cadeia dos Diários Associados.

⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093351/4778>. O Diário da Noite foi fundado em 1929 por Assis Chateaubriand, no Rio de Janeiro. O jornal chegou a ter tiragem de duzentos mil exemplares. Encerrou suas atividades no ano de 1964.

anunciam reconstrói o significado e o significante das reformas. Nove meses depois, já presidente da República, Getúlio Vargas realizou o 1º de Maio em seu último governo. O tom de Vargas girou em torno da renovação do Estado e o clamor pelo apoio dos trabalhadores através da participação sindical. Chama a atenção a amplitude dos temas abordados, que vão desde o ensino até o imposto sindical. O público de trabalhadores também propiciava enunciados de mudanças. O enunciado geral do discurso é de que a “obra gigantesca de renovação”⁶ contaria com a participação dos sindicatos.

Portanto, qualquer menção feita às reformas por parte de atores getulistas estava relacionada à defesa de uma ampla renovação das estruturas sociais, bem como à ampliação da participação dos trabalhadores na cena política brasileira. A possibilidade do conceito de “reformas de base” reassumir um significado em disputa, alvo de aprovações, objeções e expectativas era grande, como se verifica na análise da cobertura do jornal UH.

Fundada em 1951 no Rio de Janeiro, a folha teve como dono e mentor Samuel Wainer, judeu russo que veio ao Brasil com seis anos de idade. O *Última Hora* surgiu para reverberar e dar amparo ao getulismo. Na eleição presidencial de 1950, Getúlio Vargas percebeu que a chamada grande imprensa da época não ecoava os seus feitos e suas ações, e, mesmo quando ocorria, tais conteúdos eram, em geral, marcados pela crítica excessiva e tom pejorativo. Era necessário, portanto, criar um órgão de imprensa que fosse capaz de garantir apoio às ações governamentais de Vargas e ao seu projeto de país. Os caminhos de Samuel Wainer e Getúlio Vargas se cruzaram em 1949 quando Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, mandou Wainer, então um jovem repórter, entrevistar Vargas nas estâncias do Rio Grande do Sul. A entrevista foi um sucesso: extraiu de Vargas a sua volta à vida política e sua oposição ao Governo Eurico Gaspar Dutra. Com apoio de Vargas, o *Última Hora* surgiu já como um jornal diário estruturado e com tiragens expressivas, na casa dos 300 mil exemplares⁷.

Por volta de 1961, *Última Hora* possuía 1.500 funcionários e tinha uma tiragem de 350 mil exemplares. Esse total justificava-se pelas edições

⁶ VARGAS, Getúlio. Perfis Parlamentares. Câmara dos Deputados. 2011.

⁷ Verbete *Última Hora*, CPDOC-FGV.

simultâneas em várias partes do Brasil, configurando a Rede Nacional de Última Hora. Eram feitas dez edições diárias do jornal, cobrindo seis estados: Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Samuel Wainer era o diretor-presidente da rede, e Luís Fernando Bocayuva Cunha, seu vice-presidente. A edição de *Última Hora* do Rio de Janeiro estava entregue à responsabilidade de Paulo Silveira. O jornal de São Paulo era dirigido pelo próprio Wainer e por Josimar Moreira. (Verbete Última Hora, CPDOC-FGV).

Seguiu o fluxo de inovações jornalísticas, como maior espaço dado a eventos esportivos, notícias policiais, reivindicações e feitos populares - como a cobertura dos clubes da zona norte do Rio de Janeiro. A linguagem mais acessível deu o tom da escrita. Foi um jornal que captou bem a emergência popular e tentou representá-la nos jornais. Diagramação vertical em até quatro colunas e o recorrente uso de fotografias era uma inovação para a imprensa da época. Com bons salários, atraiu talentosos jornalistas⁸.

Samuel Wainer afirmou que era muito comum consultar ou pedir para o seu diretor de redação ligar para Getúlio Vargas para opinar ou pedir esclarecimentos sobre algo a ser escrito (CAMPOS, 1996, UFF, p. 66-67). O tema da imparcialidade não imperava na imprensa daquela época, e o UH se autopromovia como filiado a um dos lados das trincheiras da disputa política. Logo, frequentemente suas colunas abrigavam a publicação, na íntegra, de textos escritos por políticos do campo trabalhista. O veículo publicava poucos editoriais, predominando conteúdo mais informativo que opinativo. A tiragem era considerada alta, por volta de 350 mil exemplares no início dos anos 1960. Tamanha receptividade junto ao leitorado lhe permitiu montar infraestrutura robusta e contratar mão de obra numerosa, composta por mais de 1.500 funcionários.

A pesquisa junto às edições do *Última Hora* nos permite apresentar de maneira detalhada como o jornal dispunha os conteúdos em suas páginas. Uma edição do

⁸ Verbete Última Hora, CPDOC-FGV.

diário podia variar entre 10 e 20 páginas. A capa era composta, na parte superior, por manchetes, em geral acompanhadas por fotografias; notícias de política internacional e nacional ocupavam os demais espaços. As demais páginas eram divididas por temáticas⁹: notícias ordinárias, nacionais, internacionais, economia, reportagens especiais, que poderiam ocupar mais de uma página, futebol, assim como a divulgação de resultados de loterias e trechos de contos e crônicas.

Em novembro de 1951, a “Coluna da Cidade” do UH, na mesma página que noticia a falta de alimentos no Brasil, aborda os males do peleguismo no Ministério e a disposição do recém nomeado ministro do Trabalho, Segadas Vianas, para modificar essa realidade. Assim, Segadas daria condições para o governo trabalhista conseguisse ampliar o nível de sindicalização entre os trabalhadores, bem como seu apoio para a defesa das “reformas de base”.¹⁰ Em agosto de 1952, o UH anuncia um “audacioso e revolucionário plano contra a especulação” do então secretário de agricultura do Rio Grande do Sul, Manoel Vargas. O plano era alicerçado na criação de grandes mercados, os supermercados, “comércio em larga escala e lucros baixos”, uma novidade à época: “O povo está cansado de soluções passageiras, que não

⁹ Na segunda página, a disposição comportava as notícias mais ordinárias e os classificados. Nesta página eram publicados, também, os créditos da folha. A terceira página era reservada para a notícia de grande impacto junto ao público, em geral, algo que os afetava diretamente, assim como notícias de temas locais, como as relativas a festividades e eventos coletivos. A quarta página, como veremos, nos interessou sobremaneira. Nela era publicada a coluna de Otacílio Lopes, “Por trás da cortina”, na qual eram publicadas notícias sobre política nacional. Na quinta se concentravam as notícias internacionais e de economia. Na sexta página as notícias nacionais, não raramente também era o espaço das notícias internacionais. Na sétima página o tema preponderante era futebol, mas também podiam abordar resultados e datas de sorteios, assim como utilidades públicas e obituários. Na página oito o tema era notícias policiais sobre crimes e violências, lado a lado com contos policiais e macabros, como dos escritores Antoni Maria e Pinheiro Jr. As vezes o tema futebol se estendia para página nove. A página dez era composta por classificados e muitas vezes esporte. Algumas edições acabavam em dez páginas, outras chegavam até vinte páginas. Nas páginas onze e doze, havia notícias menos relevantes. As páginas treze e quatorze eram compostas por grandes e bem ilustradas propagandas, assim como fotografias de eventos. A página dezesseis continha reportagens mais extensas. As últimas páginas das edições mais opulentas eram compostas por contos e trechos de romances, como de Nelson Rodrigues. Quase sempre uma grande propaganda na última página.

¹⁰ Jornal Última Hora, edição de 26/11/51. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=%2222%20de%20mar%C3%A7o%20de%201959%22&pagfis=4121>

resolvem em definitivo os seus problemas. Deseja reformas de base, que lhe estabilizem a vida ...”.¹¹

As reformas de base ganham contornos de necessidade e assumem emergência no vocabulário político da época. Pela primeira vez, as reformas aparecem como soluções para os problemas gerais da vida do povo brasileiro, como a carestia do preço dos alimentos e dos aluguéis. A defesa das reformas crescentemente assume o tom de imperativo necessário para a transformação social, para além das propostas vocalizadas por políticos trabalhistas. Se acima vimos as reformas enquanto panaceia para a inflação, em dezembro de 1952, Milton Campos, ex-governador de Minas Gerais, responde sobre a possível reforma administrativa do país. O ex-governador afirma não poder opinar por desconhecer a proposta, mas vê com bons olhos uma possível reforma. O título da matéria é “Reforma, assunto de maior relevância para o Brasil”.¹²

Já na sucessão presidencial, em fevereiro de 1955, o presidente da UDN Arthur Santos afirma que o partido não tem um candidato à presidência e que apoiará um nome que tenha a confiança do povo brasileiro, com base parlamentar e força política para realizar “as reformas de base de que está carecendo o país”. Em matéria do dia 23 de maio de 1955, na terceira página do UH, Eloy Dutra¹³, em sua coluna intitulada “Atire a primeira pedra” opina e discorre sobre a campanha de Juarez Távora à presidência na televisão¹⁴:

Diante do vídeo parecia estar um aspirante à ditador, com as mesmas atitudes exaltadas, com os mesmos fluxos e refluxos demagógicos, com as mesmas “reformas de base” tão do gosto dos

¹¹ Jornal Última Hora, edição de 11/08/1952. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=%2222%20de%20mar%C3%A7o%20de%201959%22&pagfis=9083>

¹² Jornal Última Hora, edição de 23/12/1952. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=%2222%20de%20mar%C3%A7o%20de%201959%22&pagfis=11557>

¹³ Posteriormente se tornaria deputado federal pelo PTB, em 1959.

¹⁴ Jornal Última Hora, edição de 23/05/1955. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22reformas%20de%20base%22&pagfis=24460>

Perons e Malenkovs. Politicamente receio dos “homens fortes”, receio os “messias”, receio os donos da verdade, receio os “homens providenciais” que surgem inesperadamente quando a massa se acha em “estado de multidão (...). (DUTRA, 1955)

Eloy Dutra dificilmente escreveria essa mesma opinião sobre as reformas no início da década de 1960, quando as reformas de base já estavam sistematizadas pelo PTB, como veremos adiante. Mas sua opinião revela um certo atrelamento inicial das reformas de base aos “homens fortes”.

Constata-se, ainda, que o tema das “reformas” não estava circunscrito aos políticos trabalhistas, carregando, de maneira mais ampla, um sentido de mudanças estruturais. Udenistas como Arthur Santos e Juarez Távora falavam em “reformas de base”. Apesar da sua identificação com o getulismo em seu último governo, as “reformas” ainda não tinham um conteúdo definido, ou seja, seu sentido era disputado por diferentes campos político-ideológicos.¹⁵ Assim, falar em “reformas de base” poderia tanto estar relacionado ao reconhecimento de um problema nacional amplo, calcado na ideia de mudança estrutural, quanto a um setor específico da sociedade - administração de uma prefeitura, área bancária etc.

A esta altura, é importante abordarmos a relação de poder entre Wainer e os jornalistas do UH. O próprio Wainer afirmou que não era fácil lidar com os colunistas. Costumava dizer que apenas ele podia escrever livremente, mas reconhecia que dificilmente seus jornalistas escreveriam algo contra sua própria vontade. O limite era claro, jamais deveriam publicar algo que afetasse os interesses da empresa.

Nos anos JK (1956-61), o PTB se aproximou do PCB e se afastou do PSD, com maior velocidade a partir de 1958, período marcado por um novo ciclo de greves nacionais relacionadas à alta da inflação e maior articulação dos movimentos sociais agrários. Contudo, no período de 1955 até 1958, o governo JK se estabilizou através da aliança PSD/PTB. Os trabalhistas ficaram com o Ministério do Trabalho, o da Agricultura e o da Previdência Social. Tal aliança, em sua perspectiva trabalhista,

¹⁵ Jornal Última Hora, edição de 28/02/1955. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22reformas%20de%20base%22&pagfis=23114>

buscou atender as demandas urbanas dos trabalhadores assalariados, ao passo que no campo, na perspectiva pessedista, evitou-se pautar a questão da propriedade rural, bem como buscou-se aumentar linhas de créditos para os produtores rurais. Em ambos os casos, procurou-se o que Lucília Delgado chama de “soluções de compromisso”. (DELGADO, 1989, p.184).

O UH recorrentemente se pautou pela defesa das reformas de base¹⁶ De fato, não havia uma definição específica sobre o que eram tais reformas, mesmo assim, ela passou a ganhar centralidade no vocabulário político da época. Antes de prosseguir, se faz necessário retomar o fio desse itinerário do conceito de reformas de base. Os anos 40 no Brasil viram aumentar a incidência do termo reformas de base, o sentido era de reformas estruturais em uma determinada área ou seção da sociedade. No último governo Vargas, as reformas de base ganharam tons políticos, se associando a “homens fortes” e até ao socialismo. Como vimos, Vargas em seus discursos de governo assumia o compromisso pelas reformas. Contudo, em seu último governo (1951-54), as reformas de base ainda estavam na periferia dos antagonismos políticos. E também não se caracterizava enquanto uma demanda social. Ainda no período JK e logo após a morte de Vargas, as reformas de base passam a ser defendidas pelo prisma da necessidade, mas sem definições ideológicas ou correntes políticas bem definidas.

Nossa intenção até aqui foi mapear, através das páginas do UH, os sentidos de “reformas” que foram constituídos através das páginas do veículo. Contudo, precisamos ampliar o foco da pesquisa. Como buscamos compreender os sentidos articulados por diferentes atores sociais nas páginas do jornal, incorporamos aqueles que se sobressaíram na defesa pública das “reformas” no espaço público: o campo trabalhista. Logo, o próximo passo será explorar como o UH abordou as teses tiradas através das convenções do PTB para, em seguida, incorporarmos os discursos proferidos por João Goulart.

As primeiras inscrições das reformas nas esferas de poder

A primeira inserção das reformas de base nas esferas públicas e de poder se

¹⁶ Jornal Última Hora, edição de 06/09/1956. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22reformas%20de%20base%22&pagfis=32415>

deu no dia 30 de março de 1959. Na ocasião, o recém-eleito deputado San Tiago Dantas realizou seu primeiro discurso na Câmara de deputados, já com a missão de apresentar as reformas de base em nome do PTB e do vice-presidente João Goulart. Discursou em caráter preferencial a pedido do líder do PTB na Câmara dos Deputados. O recém deputado descreveu a época vivida como um “período de inquietação”. Afirmou que a crise se apresentava enquanto “desvalorização da moeda e elevação do custo de vida”. O tema do pauperismo esteve presente direta ou indiretamente em muitas das fontes hemerográficas que vimos até aqui. Dantas prosseguiu dizendo que tal crise “esgota a confiança e resistência da classe média e popular”, assim o “o maior ônus do desenvolvimento recai sobre eles” gerando um “sentimento de revolta”. Se pudermos definir um discurso típico do trabalhismo à época, repetido muito por Goulart e demais trabalhistas, era o da realização da justiça social com o desenvolvimento. Esse discurso geralmente era acompanhado de um “senão”: a revolta das classes populares e/ou da classe média. Dantas identificava três tipos de desigualdade no Brasil: entre classes, entre regiões e entre o campo e a cidade. Todo o seu discurso foi estruturado em torno destas desigualdades a serem enfrentadas. Atente-se como a defesa das reformas de base cada vez mais surgem associadas à resolução dos problemas de nível nacional.

A análise das fontes nos faz chegar a algumas conclusões:

- 1- A questão agrária era o tema preponderante.
- 2- O tema da sucessão eleitoral determinou o caráter do discurso de Dantas.
- 3- As reformas foram apresentadas de forma ampla, sem sistematização.
- 4- As reformas foram colocadas como solução para os problemas nacionais.

Antes de falarmos sobre as Convenções Nacionais, é importante recorrermos à D’Araújo para explicarmos como funcionava a organização interna do PTB:

A instância decisória máxima era a Convenção Nacional. Esta devia reunir-se ordinariamente a cada três anos para a prestação de contas e a eleição dos membros do Diretório Nacional, seis meses antes das eleições presidenciais, no início de cada legislatura, ou a

qualquer tempo, em convocação extraordinária. Na verdade, esse calendário nunca foi cumprido, e as 15 convenções foram quase sempre realizadas em situações emergenciais, para referendar alianças eleitorais ou resolver questões internas graves relativas a prazo de mandatos ou eleições. (D'ARAÚJO, 1996, p. 86)

A composição da Convenção Nacional consistia em dois delegados por estado ou território, escolhidos pelos diretórios regionais, contudo, os delegados deveriam ser reconhecidos pelo Diretório Nacional.

A esta altura, as reformas estruturais eram nomeadas por Goulart, vice-presidente do Brasil, e pelos trabalhistas enquanto “reformas de base”. Em nota publicada no *UH* ainda no dia 8 de abril, a bancada nacional do PTB informa que havia se reunido para debater o que intitularam de “Programa Nacional de Reformas de Base, proposto pelo presidente trabalhista, em sua entrevista de 21 de março último”. A bancada nacional do PTB decidiu realizar o exame das reformas, o que seria necessário modificar a constituição e o que se realizaria dentro da legislação vigente.¹⁷ Nossa pesquisa aponta que no final da década de 1950, o UH deu bastante espaço em seus jornais à ala reformista do PTB.

No dia 1 de maio de 1959, Dia do Trabalhador, ocorreu a XI Convenção Nacional do PTB no Teatro João Caetano, no Centro do Rio de Janeiro. A XI Convenção foi atravessada pelo tema das eleições presidenciais que ocorreriam em outubro de 1960. A busca por um candidato de consenso com o PSD e a possibilidade de lançar candidato à presidência eram questões postas e debatidas entre seus correligionários. Apesar do ruído eleitoral, os quadros do PTB lograram êxito em construir uma convenção partidária mais programática do que eleitoreira. Goulart abriu a Convenção enfatizando sua fidelidade à Getúlio Vargas, ao citar a renovação do trabalhismo. Frisou o grande feito da legislação trabalhista enquanto obra de Getúlio Vargas a ser completada. Tal incompletude gerava “angústia e quase

¹⁷ Jornal Última Hora, 8 de abril de 1959. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=%22conven%C3%A7%C3%A3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=54529>

desespero das camadas mais pobres de nosso povo e também de sua classe média”. O getulismo era colocado enquanto uma obra a se completar na renovação do trabalhismo, em novas reformas a serem feitas. Mas quem impedia tais reformas? As causas do “pauperismo”, termo que geralmente era associado a “preços altos” e “salários baixos”, eram, segundo Goulart, fruto dos interesses dos “grupos estrangeiros” que, no Brasil, remetiam lucros exorbitantes ao exterior e compravam grandes propriedades rurais a valores baixos, bem como aos latifúndios improdutivos, “que em vez de uma agricultura difícil ou de uma pecuária sacrificada, é melhor esperar de braços cruzados pelo benefícios da valorização”. Aqui, é importante fazermos alguns apontamentos. Primeiro, as reformas são colocadas em antagonismo a aqueles que as impedem: grupos estrangeiros e latifundiários. Segundo, as próprias reformas ganham contornos de completude da obra de Getúlio Vargas, reforçando o vínculo com o getulismo e a tradição trabalhista e, ao mesmo tempo, com o objetivo de renovação do trabalhismo e do PTB. Portanto, o espaço antagônico se estabelecia, muito diferente das reformas de base que recorriam o vocabulário político dos anos 40 e 50.¹⁸

O UH cobria as Convenções Nacionais do PTB, com direito a manchete na capa. Geralmente, o desenrolar das Convenções ocupava várias edições do UH. Na edição do dia 4 de maio de 1959, havia um espaço dedicado à Convenção que se iniciara no dia 1 de maio e terminaria no dia 02 de maio¹⁹. Ao contrário de muitos jornais da época, havia uma coesão nas opiniões políticas publicadas no jornal, tanto nos temas nacionais quanto nos internacionais. As análises das páginas do UH apontam que inexistia perspectivas claramente conflituosas dentro de uma mesma edição, essa era uma marca do UH: ao se alinhar politicamente ao getulismo e depois ao trabalhismo, buscou-se afinar as ideologias expressadas pelo jornal para se tornar um porta voz unísono do trabalhismo. Para compreender melhor o UH e sua orientação política, fomos para além da historiografia, e incorporamos a consulta ao

¹⁸ Jornal Última Hora de 2 de maio de 1959. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22conven%c3%a7%c3%a3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=54747>

¹⁹ Jornal Última Hora de 2 de maio de 1959. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22conven%c3%a7%c3%a3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=54747>

acervo de verbetes históricos do CPDOC-FGV. Nele há conteúdo produzido por historiadores através de uma narrativa informacional.

Última Hora propunha-se a lutar pela soberania nacional e pelo desenvolvimento econômico, combatendo a intromissão de interesses estrangeiros na economia brasileira. A própria prática de apoio às massas encontrava explicação na visão política de Wainer, que em depoimentos posteriores confessou associar o “nacional” ao “popular”. (Verbete *Última Hora*, CPDOC-FGV).

A forma como nasceu o UH, o seu vínculo com o Getúlio, o ligou desde cedo a um dos lados da trincheira política: o getulismo. Assim, logo se tornou alvo dos antigetulistas que acusaram Wainer de receber verbas ilegais de Vargas. Portanto, é um jornal encravado na política nacional.

Após a morte de Getúlio Vargas, a campanha contra *Última Hora* foi retomada com maior intensidade, tendo à frente, mais uma vez, Carlos Lacerda. Iniciou-se um boicote de publicidade, que reduziu a tiragem do jornal para 12 mil exemplares. (Verbete *Última Hora*, CPDOC-FGV).

O UH recebeu tiros, mas também atirou. Um exemplo foram as reiteradas denúncias contra o governador Carlos Lacerda em torno da “Operação mata-mendigos” (1962-1963). O veículo se colocava enquanto protagonista na luta política, e assim o era, muito além de um veículo de informação. Teve em sua direção políticos célebres do trabalhismo: Danton Cunha, ex-ministro de Vargas, e posteriormente Luis Fernando Bocaiúva, trabalhista e deputado federal.

Na XI Convenção, João Goulart cruzou seu destino com as reformas para sempre. No UH, o protagonismo de João Goulart seria ressaltado:

A convenção aplaudiu, demoradamente, a moção de aplausos ao programa de reformas de base preconizado pelo Sr. João Goulart. A proposta foi apresentada pelo senhor San Tiago Dantas e

recomendada que as bancadas trabalhistas no Senado e na Câmara dos Deputados se lancem na luta parlamentar pela aprovação destas emendas. Recomenda ainda às seções regionais e aos diretórios municipais, que levem as **reformas** para os debates nas ruas, fazendo com que todo o **povo** participe destas **transformações** sociais e econômicas fundamentais do País. (ÚLTIMA HORA, 5 de maio, pág.3)

O trecho selecionado de reportagem do UH expõe com clareza o projeto político que seria encabeçado pelo PTB e por Goulart: a defesa da transformação social do país mediante a incorporação das reformas de base via apoio popular. A estratégia era de que as reformas deveriam chegar até o povo para que estes as apoiassem. Já naquela noite, foi eleito o novo diretório nacional, com destaque para o recém filiado Hermes Lima, o ascendente San Tiago Dantas, o oposicionista Fernando Ferrari e o ex-diretor e vice-presidente do Última Hora Bocayuva Cunha.²⁰ O fim do ano de 1959 é acompanhado por uma primeira sistematização das “reformas” e sua inserção na instância partidária. Seu sentido gera antagonismos.

As eleições de 1960 e as reformas

O ano de 1960 foi acompanhado por discussões entre PTB e PSD voltadas para as próximas eleições presidenciais. Os ruídos entre os partidos cresciam a despeito dos acordos eleitorais. Isso gerou notícias, imputadas como “alarmistas” pelo Última Hora, sobre desentendimentos entre ambos na escolha do candidato à presidência. De fato, não havia unanimidade quanto a composição Lott e Goulart, sendo crescente alas que pretendiam lançar nomes alheios ao de Lott, ungido pelo PSD. As demandas de João Goulart para que o PTB apoiasse a candidatura do PSD giravam em torno da regulamentação do direito de greve; da reforma da Previdência Social; aprovação do Plano de Classificação do Funcionalismo; nacionalização dos

²⁰ Jornal Última Hora, 5 de maio. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22conven%c3%a7%c3%a3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=54772>

depósitos em bancos estrangeiros, e a limitação do retorno de juros e dividendos das empresas estrangeiras. Amaral Peixoto, influente pessedista, dissera que não havia discordâncias no PSD sobre tais temas, o que foi corroborado por Kubitschek, que lamentava não ter tempo para aprovar tais medidas ainda em seu governo²¹.

A XII Convenção Nacional do PTB, que inicialmente era para ocorrer no dia 06 ou 09 de fevereiro, acabou ocorrendo nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1960. O UH apoiou veementemente o acordo entre PSD e PTB em torno do nome de Lott para a presidência e de João Goulart para vice. Em sua quarta página²², o título da manchete em destaque “PTB em convenção hoje e amanhã: consagração da chapa Lott-Jango” dava importância à Convenção Nacional e também deixava claro o interesse do jornal sobre as próximas eleições.

Em entrevista à reportagem do Última Hora, Goulart dissera:

Amanhã tudo estará liquidado. O Marechal Lott sairá candidato oficial do PTB. Tal posição foi assumida após o discurso que o ex- Ministro da Guerra pronunciou na sede do meu partido, quando apoiou, integralmente, todas as reivindicações dos trabalhadores brasileiros. **Bem como concordou com as nossas lutas pelas reformas de base** de que o País carece, as quais, concretizadas, determinarão uma mudança radical em nossa estrutura socioeconômica. É, pois, o candidato que mais se identifica com as justas aspirações das classes trabalhadoras, e que será sufragado, por maioria esmagadora, nas eleições de 03 de outubro vindouro. (GOULART, 1960. Grifo nosso.)

Apesar das demandas pelas reformas ficarem um pouco escamoteadas em relação à convenção do ano anterior, por causa das eleições presidenciais, os critérios

²¹ Jornal Última Hora, 25 de janeiro de 1960. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22conven%c3%a7%c3%a3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=59161>

²² Jornal Última Hora, 19 de fevereiro. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22conven%c3%a7%c3%a3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=59436>

que nortearam a escolha da candidatura oficial do PTB nunca deixaram de lado o critério das demandas reformistas.

O sentido dado às reformas, por parte de Goulart, de transformação da estrutura socioeconômica denota como estas foram apresentadas nos círculos trabalhistas e demais partidos e movimentos ligados ao espectro da esquerda. Talvez, para outras audiências mais conservadoras, tal trecho da “mudança radical” fosse suprimido pelo próprio Goulart que sabia dosar muito bem o sentido das reformas de acordo com o auditório. O discurso trabalhista cada vez mais se cruzava com o anseio por reformas de base. Trabalhadores e reformas são palavras que juntas aparecem com cada vez mais frequência

No dia 19 de fevereiro de 1960, o UH noticiava na primeira capa, carregado de entusiasmo: “consagração popular da chapa Lott-Jango”. As muitas fotos do encerramento da Convenção nas escadarias do Palácio Tiradentes ilustravam um clima de entusiasmo transmitido pelo jornal. Nem tudo, no entanto, era unanimidade no PTB. O deputado Fernando Ferrari não participou do evento, chamando-o de antidemocrático.²³ O UH não reproduziu as críticas de Ferrari, a não ser através de críticas dos presentes da convenção ao mesmo. O UH, apesar de reverberar um PTB mais programático e reformista como propunha o Grupo Compacto, não abriu espaço às críticas sobre o personalismo de Goulart. O UH sabia caminhar na corda bamba entre apoiar demandas do Grupo Compacto e ser elogioso a figura de João Goulart, se inserindo de maneira habilidosa tanto nos espaços de governo quanto nos de partido.

No dia 4 de julho de 1960, a página dois do UH assinalava os créditos do jornal. A Editora Última Hora S/A ficava na Rua Sotero dos Reis. Com filiais em São Paulo, Santos e Campinas, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Niterói e Belo Horizonte. Seu exemplar custava 5 Cruzeiros. Tinha como diretor-presidente Samuel Wainer, o diretor Vice-presidente era Luís Fernando Bocayuva. A figura de Bocayuva como vice-presidente do UH dava o tom do compromisso assumido pela folha com a ala mais reformista do PTB. Bocayuva nasceu em uma família de políticos influentes no Rio de

²³ Última Hora, 19 de fevereiro. Disponível:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22conven%c3%a7%c3%a3o%20nacional%20do%20PTB%22&pagfis=59436>

Janeiro. Desde 1951 o jornalista contribuía para o UH, a convite de Wainer. Era uma forma, dentre outras, de Wainer manter o empreendimento sob a proteção e influência de uma rede de políticos próximos ao poder. Bocayuva se destacou pelo apoio decisivo a Vargas em momentos históricos relevantes de seu último governo. Em 1955 tornou-se diretor do jornal. Posteriormente, ocupou o cargo de vice-presidente. Juntamente com o UH embarcou na vida política se lançando candidato a deputado federal tendo Roberto Silveira como padrinho político. Ambos tiveram êxito em 1958, com Silveira sendo eleito governador do Rio e Bocayuva deputado federal. Ocupou concomitantemente o cargo de vice-presidente no UH. Nas fileiras do trabalhismo, participou do Grupo Compacto, como já foi dito anteriormente, defendendo mudanças que permitissem ao PTB a adoção de linha programática mais clara, cujo eixo central era a bandeira das reformas sociais. Além disso, era um crítico da linha personalista do PTB. Bocayuva se filiou também à Frente Parlamentar Nacionalista.

O Última Hora noticiava com recorrência as dimensões da vida cotidiana trazendo reclamações sobre alta dos preços dos alimentos. Na página dois do UH, a manchete em destaque dizia: “Cidade à Mercê dos “Tubarões”²⁴: 10 Preços Diferentes Numa só Feira”. Se referindo a uma série de reclamações - mais de dois mil telefonemas à Rádio Patrulha sobre preços abusivos. Como a majoração de 2,50 Cruzeiros no litro do leite, o aumento de 100 para 120 até 140 Cruzeiros no kg da carne, e o kg do açúcar que passou de 19 para 25 cruzeiro. Era mês de julho de 1960, a Campanha eleitoral se iniciou com greves e paralisações de diversos setores. Trabalhadores dos bondes – “trabalhadores em carris” - ameaçavam parar por melhores salários. O que de fato ocorreu no dia 20 daquele mês. Os trabalhadores metalúrgicos exigiam um aumento salarial de 45%. Líderes sindicais deram um ultimato ao Ministro do trabalho Batista Ramos exigindo o aumento do salário-mínimo.²⁵ O UH sempre deu muito espaço para as mobilizações dos trabalhadores e o jornal se colocava na trincheira pelos aumentos salariais e o combate aos “tubarões” e à inflação.

²⁴ Última Hora, 12 de julho. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Julho%20de%201960%22%20%22Goulart%22&pagfis=61037>

²⁵ Idem: Última Hora, 12 de julho. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Julho%20de%201960%22%20%22Goulart%22&pagfis=61037>

No dia primeiro de janeiro de 1961, João Goulart discursou enquanto vice-presidente e presidente do Senado Federal no próprio Congresso²⁶:

O Poder Legislativo tem elevada missão a realizar na consolidação desses resultados e, sobretudo, na adoção de medidas que garantam às classes médias e às classes trabalhadoras uma participação crescente nos benefícios do enriquecimento nacional, pois só a melhor distribuição da riqueza e a progressiva eliminação das desigualdades sociais poderão assegurar a efetiva paz social. (GOULART, 1961)

O discurso não fugiu de uma estratégia reiterada de Goulart: minorar o sacrifício da classe trabalhadora em prol do desenvolvimento e a necessidade de distribuir melhor a riqueza desse processo, sempre em prol de uma harmonia entre as classes. Observe que Goulart aponta a via parlamentar para a aprovação das reformas. A esta altura, a esperança depositada na aprovação das reformas na via parlamentar ainda era nutrida enquanto tática dos trabalhistas.²⁷

Governo Jânio, crise política e reformas

“Jânio Patético: não temo o golpe”²⁸, assim era a manchete da UH do dia 31 de maio de 1961 sobre uma recente entrevista coletiva concedida por Jânio no qual dizia “no momento em que a linha da legalidade é transposta, quer pela direita, quer pela esquerda, a democracia, que não é um regime indefeso, que não é um regime suicida, age para sustentar-se.” O UH procurava evidenciar uma fala deslocada da

²⁶Fonte: Agência Senado. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/03/08/pronunciamento-de-jango-defende-reformas-de-base>

²⁷Idem: Agência Senado. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/03/08/pronunciamento-de-jango-defende-reformas-de-base>

²⁸Jornal *Última Hora*, edição de 31 de maio de 1961. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pesq=XIII%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20do%20PTB&pagfis=69379>

realidade do então presidente que cada vez mais se afastara dos partidos e apostava no apoio popular, em um canal direto de representação. O PTB convocava para a XIII Convenção Nacional, que ocorreria inicialmente entre 17 e 18 de junho em Brasília.

Uma das pautas principais era a reforma dos estatutos do partido proposta pela bancada federal de deputados. Visando alargar a democracia interna, incluiria maior representação para congressistas e governadores na Convenções, tanto no âmbito federal quanto regional. Ampliando o poder das decisões das convenções nacionais e regionais nos rumos do partido. A proposta seria apresentada por Brizola.²⁹

A XIII Convenção Nacional aconteceu em Brasília, nas dependências do Senado Federal. Fazia parte do esforço do partido se estabelecer na nova capital. Inclusive o PTB vendeu o terreno da sede no Rio de Janeiro para construir uma nova em Brasília. O clima agradável do Rio naquele final de semana certamente não foi a causa da ausência de membros do diretório da Guanabara na convenção, criticada por trabalhistas gaúchos e reverberada em uma curta nota pelo UH. Já outros trabalhistas cruzaram o Brasil e se fizeram presentes. “Venho de longe, tenho algo a dizer-vos”³⁰. Já era para lá das 04 horas da madrugada de segunda do dia 03 de julho de 1961, quando Brizola proferiu tais palavras introduzindo um discurso de considerações sobre o partido e apresentando uma moção a ser apreciada na Convenção. A moção gaúcha e o nome de Brizola ganharam destaque na matéria do UH. Sob o subtítulo “Brizola: Reforma total”, apresentou em linhas gerais o discurso da moção lida pelo governador do Rio Grande do Sul: a revisão da Constituição como principal ponto das campanhas políticas de 1962.

Assim, revisar a Constituição para promover as reformas necessárias de que o país necessitava passou a ser o caminho político vislumbrado por parte dos trabalhistas frente a um cenário de dificuldades no parlamento. O PTB se dividia entre soluções mais radicais, pregadas por Brizola e por parte do Grupo Compacto, e outras mais conservadoras. Parlamentares e trabalhistas que participavam do governo

²⁹ Jornal *Última Hora*, edição de 28 de junho de 1961. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20196&pesq=%22Conven%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20do%20PTB%22&pagfis=63563>

³⁰ Jornal *Última Hora*, edição de 28 de junho de 1961. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20196&pesq=%22Conven%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20do%20PTB%22&pagfis=63563>

defendiam soluções que passassem pelo Congresso Nacional mediante a aprovação de projetos de lei. Octacílio opina que Brizola, “é um homem audacioso e que sabe colorir as suas teses com uma verbosidade muito sugestiva. Não lhe preocupam as soluções, o que está em sua mente é a denúncia”. Assim, como um “convulsionador” que apresenta o problema e não as soluções. Assim é retratado Leonel Brizola após “roubar a cena” na Convenção Nacional.

A Moção gaúcha aprovada tinha como primeiro ponto:

Que a XIII Convenção Nacional do Partido Trabalhista Brasileiro designe uma comissão especial composta de cinco membros, com o objetivo de organizar um anteprojeto de revisão constitucional consubstanciando, de modo claro e inequívoco, **as reformas estruturais** na ordem econômico-social, como na ordem jurídica, preconizadas nos programas partidários e nos termos em que o Partido considera fundamentais à soberania nacional, ao desenvolvimento do país e à justiça social.” (UH, 03/07/1961. Grifo nosso).

A principal preocupação da ala gaúcha era a inadequação da Constituição de 1946, incapaz de promover as “reformas estruturais”. Fica evidente que já não é mais o conteúdo das reformas que estava em discussão - já “preconizadas nos programas partidários” - mas sim como efetivá-las em um panorama institucional e legal insuficiente para as suas realizações.

A convenção aprovou 18 resoluções que dão o tom e a medida das principais preocupações consensuais do partido. Listo a seguir, de forma resumida e sistematizada, as principais resoluções: reclamar medidas eficazes de combate à inflação; defender a classe média e populares de uma política econômica que não os priorizem; lutar pela revisão dos níveis de salários; defender a liberdade, autonomia e unidade sindical, repelindo manobras divisionistas; reiterar apelo a todas as agremiações políticas para que o Congresso Nacional enfrente um corajoso programa de reformas de base; reclamar medidas que protejam a indústria nacional.

As resoluções da XIII Convenção Nacional dão conta de que o PTB catalisou uma série de demandas populares que estavam sendo contidas pela

institucionalidade desde a década de 1950. As reformas de base representavam, cada vez mais, essas inúmeras demandas, se constituindo como um significativo político de diversos setores sociais. O item oito persiste na pressão ao parlamento para a aprovação das reformas de base. Com João Goulart enquanto presidente do Senado, porém alijado nos quadros do executivo, essa tática ainda fazia sentido, apesar de muitos trabalhistas optarem por uma revisão constitucional. Esse cenário mudou em 25 de agosto de 1962, quando Jânio renunciou à presidência. A ascensão de Goulart ao governo marcou uma época em que a pressão dos próprios trabalhistas e setores sociais por reformas aumentaram.

As Reformas de Base no Governo Jango

No Discurso de posse como presidente no Parlamentarismo, no dia 07 de setembro de 1961, João Goulart afirmou que a grande tarefa era “a de não desiludir o povo, e para tanto devemos promover, por todos os meios, a solução de seus problemas” que mais a frente ficam claros: “o pauperismo e o subdesenvolvimento”. Goulart deixa expresso, mais de uma vez neste discurso, o caráter pacífico de tais tarefas: “sabem todos que, inclusive por temperamento, inclino-me mais a unir do que a dividir, prefiro pacificar a acirrar ódios, prefiro harmonizar a estimular ressentimentos.”³¹

O ano de 1962 se inicia com os trabalhistas tendo como foco tarefa prioritária e urgente aprovar o presidencialismo. O resultado do plebiscito iria determinar a qualidade da luta pelas reformas. O UH noticia que a Convenção Nacional vindoura iria aprovar a posição oficial do partido em defesa do presidencialismo. Assim como inscrever candidatos que fossem “elementos convictamente presidencialistas”. Sendo assim, PTB e PSD articulam a realização do plebiscito em outubro, concomitante com as eleições para deputados. É interessante analisar as expectativas antes de um evento. Elas nos revelam o que se espera dele por parte do enunciador. No ano anterior, para a Convenção de 1961, o UH anunciara de forma destacada as reformas nos estatutos do partido, o que não ocorreria. Para a Convenção prevista para o ano de 1962, as expectativas se mantiveram em “reformular a estrutura e o funcionamento do partido”. O UH compartilhava a expectativa de “uma reformulação da direção nacional do partido, que será cada vez mais uma agremiação política ampla das

³¹ Discursos selecionados de João Goulart. FUNAG, 2010.

massas de trabalhadores e camponeses”.³² Todavia, as expectativas em torno da próxima convenção foram atropeladas pelos eventos deste frenético período, vindo a ocorrer somente em março de 1964.

O PTB não teve organicidade capaz de absorver de forma programática o conjunto de demandas populares que ganhou projeção nesse período, ainda que buscasse representá-las no campo da institucionalidade. Era um partido que enfrentava inúmeras dificuldades para incorporar em seu programa as demandas expressadas pelo conjunto dos setores que o constituía. O PTB era um partido extremamente centralizador: Em comparação com a UDN e o PSD, o centralismo do PTB era gritante. (D’ARAÚJO, 1996, p. 86)

Em 6 de janeiro de 1962, o regime presidencialista venceu o plebiscito. Neste mesmo mês, Goulart enviou a anual “Mensagem ao Congresso Nacional”. O intuito desta comunicação oficial era de o presidente ponderar sobre a situação do país e pedir providências nas áreas que julgava necessárias.

(...) pretende enviar ao Congresso Nacional, em futuro próximo, um conjunto de mensagens orientadas no sentido de encaminhar as reformas mais urgentes e reclamadas pelas necessidades do País. Sob as denominações genéricas de reformas agrária, urbana, tributária bancária e administrativa (...) visando adaptar o nosso quadro institucional aos reclamos de um desenvolvimento econômico orientado por critérios de Justiça Social. (GOULART, 1963)

A “Mensagem ao Congresso” foi de fato a antessala. Trata-se do *Plano Trienal*. O plano foi formulado por Celso Furtado e San Tiago Dantas, ministro do Planejamento e ministro da Fazenda, respectivamente. Jorge Ferreira recuperou as principais metas:

³² Jornal Última Hora, edição de 21 de dezembro de 1962. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22Conven%c3%a7%c3%a3o%20Nacional%20do%20PTB%22&pagfis=80058>

(...) combater a inflação sem comprometer o desenvolvimento econômico e, em um passo seguinte, implementar reformas, sobretudo no aparelho administrativo, no sistema bancário, no modelo fiscal e, em particular, na estrutura agrária. (FERREIRA, 2019, p. 420).

Jorge Ferreira, valendo-se dos estudos de Argelina Figueiredo, notou a fragilidade do Plano Trienal enquanto pacto social: “De um lado, a forte oposição dos sindicatos; de outro, a divisão do empresariado” (FERREIRA, 2019, p. 421).

Fato é que as forças de oposição à Jango já se encontravam mais articuladas, conectando distintos setores – militares, empresários, políticos e agentes de Estado dos EUA, na certeza de que era necessário depor João Goulart. O PTB teve a sua trajetória marcada por essa ambiguidade em ser e não ser governo, de buscar o amparo da máquina estatal e a rede de sindicatos e, por outro lado, manter uma autonomia para representar as diversas demandas populares (D’ARAÚJO, 1996, p. 61). A sua organicidade também continha a contradição entre o discurso de seus parlamentares e o seu real impacto dentro do partido. Se por um lado o PTB ecoou as reformas através da liberdade que dava aos seus parlamentares, por outro lado, restringia a sua reverberação em termos práticos no partido. (D’ARAÚJO, 1996, p. 74)

O presidente João Goulart entra em 1964 com poucas alternativas políticas, a opção escolhida por Goulart foi aliar-se à esquerda e radicalizar o seu governo, adotando a ideia de passar as reformas “na lei ou na marra”. (FERREIRA, 2019, p.434). Ou, como escreveu Bandeira: “Com efeito, dentro das circunstâncias que se criaram, Goulart optara por esse caminho, a fim de permanecer fiel às suas origens políticas e coerente com seus objetivos.” (BANDEIRA, 1977, p. 148).

Goulart reaproximou-se das alas mais à esquerda do partido e setores populares que lutavam por reformas. Nessa altura, tais forças acreditavam que a correlação de forças era favorável para um confronto franco com os setores conservadores. O evento que marcou essa guinada de Goulart foi o Comício da Central, no dia 13 de março de 1964. Os discursos lá proferidos iam no sentido do fim da conciliação de classes, fim dos privilégios das classes dominantes e uma nova Assembleia Nacional Constituinte que representasse os anseios populares. Dois dias depois, João Goulart mandou ao Congresso uma mensagem propondo uma reforma eleitoral que estendesse o direito de voto aos analfabetos; outra mudança eleitoral

que permitia parentes se elegerem – beneficiando Leonel Brizola, seu cunhado – e a sua própria reeleição; delegação de poderes do legislativo ao executivo; e, por fim, um plebiscito sobre as reformas de base. Moniz afirma que Goulart não tinha pretensões continuistas e muito menos de golpear a democracia liberal, “sua grande ambição era realizar as reformas”. Por sua vez, “as reformas de base não objetivavam o socialismo, eram de cunho democrático-burguesa, de viabilidade de um capitalismo menos atrasado e mais autônomo” (BANDEIRA, 1977, p. 159;164).

No dia 28 de fevereiro de 1964, o UH divulgou o edital de convocação para a XIV Convenção Nacional. Inicialmente seria em abril de 1963, mas foi transferida para 20 e 21 de março de 1964. No primeiro dia, trataria das moções e requerimentos e a eleição do Conselho Fiscal e Diretório Nacional. No segundo dia estava marcada a eleição para a Comissão Executiva Nacional. Assinava Paulo Baeta Neves presidente em exercício. Essa foi a última menção do UH à Convenção Nacional.³³ Por quê? Aqui expressamos as possibilidades e limites da análise da fonte. Recorremos à historiografia para cobrir essa lacuna, mais especificamente a melhor obra sobre a organicidade do PTB: “Sindicato, Carisma e Poder”, já citada anteriormente. Maria D’Araújo apreende bem o clima político e as aspirações para esta Convenção. Ela recorre a um outro jornal que não conseguimos ter acesso na hemeroteca digital: O Estado de São Paulo.

Primeiro, havia por parte dos "compactos" um esforço para galgarem o comando partidário, e isso representava na prática substituir na direção, se não Goulart, pelo menos o presidente Paulo Baeta Neves, linha-auxiliar de Jango. Segundo, colocava-se a questão da sucessão presidencial. Para os radicais gaúchos, o candidato era Brizola, já que o novo presidente deveria ser um "homem de garra", disposto a "ocupar até as fronteiras a área de

³³ Jornal Última Hora, edição 28 de fevereiro. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20196&pesq=%22XIV%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%22&pagfis=97637>

atuação do Executivo". Terceiro, havia a tão candente questão da posição a ser tomada pelo partido e pelo governo quanto às reformas, num momento em que a conspiração militar já estava em seus acertos finais. (D'ARAÚJO, 1996, p. 161)

Uma coisa importante que denota permanência é mais uma vez a aprovação de “pressionar o Congresso para a aprovação das reformas”. A via parlamentar não foi abandonada pelo PTB até o golpe de 1 de abril.

Conclusão

As reformas assim não eram gestadas a partir de consensos de dentro do partido, não havia espaço para tais debates nas Convenções. Apesar do conteúdo das reformas estarem bem limitadas na Mensagem ao Congresso de março de 1964, por todo itinerário de imprecisão sobre as “reformas”, o sentido delas ganhou características polissêmicas. Isto ocorre dentro de uma lógica relacional, ou seja, o sentido varia de acordo com os setores sociais relacionados às reformas de base. Percebemos que o seu sentido amplo, talvez por linhas tortas, articulou diversas demandas populares. Tema para uma tese.

Podemos concluir que o jornal *Última Hora* se identificava enquanto um instrumento radiador do trabalhismo; imparcialidade não era uma questão premente na imprensa da época. Em sua trajetória nos anos 50 e 60, o UH se identificou com a ala reformista do partido que ansiava por reformas de base. O UH reverberou algumas críticas à falta de um espaço maior na Convenção para debates programáticos, nas edições de 1959 e 1960. Todavia, o diário jamais questionou a presidência do partido por parte de Goulart. O próprio veículo entrou na dinâmica política do partido, ou seja, liberdade no discurso em defesa de demandas trabalhistas e nacionalistas, mas restrição às críticas sobre a organicidade interna. O UH sempre deu eco às demandas populares e as propostas de reformas sociais em tom elogioso e recorrentemente as atrelou à figura de Goulart.

As reformas de base nas páginas do UH se verificaram polissêmicas, e nos suscitaram realizar um itinerário dos sentidos acerca da noção de “reformas” no período em questão. Notamos que as reformas de base nos anos 60 assumem uma centralidade no campo político, entendidas enquanto estruturantes para a solução dos

problemas nacionais. Assim, as reformas de base articulam diversas demandas populares. As notícias sobre as Convenções de 1960 e 1961 evidenciaram a falta de um debate mais profundo sobre as reformas, apesar das expectativas em torno delas. O seu sentido é disputado por diversas orientações trabalhistas, seja pelos mais radicais - segmentos do Grupo Compacto ou até mesmo a ala gaúcha de Brizola-, seja pelos ligados às soluções mais conservadoras, como Goulart.

As Convenções Nacionais do PTB marcam a insistência da tese da aprovação das reformas pelo parlamento, apesar das divergências de Brizola, que passou a apostar na revisão constitucional em 1961. O sentido de urgência está intrinsecamente ligado às reformas, desde pelo menos 1959 no discurso proferido por San Tiago Dantas. Nesta fase, as reformas ganham centralidade política, o que não se observava na década de 1950, e muito menos na de 1940. O último governo Vargas foi fundamental para a “politização” em torno da defesa das reformas. No entanto, o antagonismo contido no debate – quem a quer e quem a impede- é identificado apenas um ano antes das eleições presidenciais de 1960.

A figura de João Goulart pautou as reformas de forma indelével. Por parte dos próprios instrumentos trabalhistas, o UH fez questão de realizar esse vínculo a cada página. O PTB de alguma forma precisava dessa unidade personalista (D'ARAUJO, 1996, p. 61). Porém, Jango, enquanto presidente do Brasil nos dois regimes, ora se aproximou e ora se afastou das reformas. Na virada de 1963 para 1964, optou pela via das reformas ao invés de medidas mais ortodoxas como o Plano Trienal. É o período das duas últimas convenções, a de 1961 e a de 1964, que denotam esse sentido mais amplo sobre reformas. Sem um consenso sobre como realizá-las e sem tantas certezas sobre quais reformas iriam adiante dentro do guarda-chuva amplo que eram as reformas de base. O sentido de imobilismo por parte do PTB é identificado nas páginas do jornal em relação às reformas, visto as permanências observáveis entre uma convenção e outra, entremeadas pelos discursos e mensagens de João Goulart. Podemos concluir que as convenções nacionais, máxima representação do partido, não foram capazes de desenvolver um programa – análise de conjuntura; objetivos; plano de ação etc. A ossatura do PTB não era fértil para debates e divergências internas, e a análise das convenções demonstra isso.

3 CAPÍTULO II- PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA ATRAVÉS DOS JORNAIS

O segundo capítulo tem como objetivo, a partir do estudo de caso das reformas de base nas páginas do diário *Última Hora*, propor uma atividade de investigação histórica para os estudantes do 3º ano do Ensino Médio. E através dela, estabelecer reflexões acerca do uso de jornais no Ensino de História. O cerne deste TCC parte da premissa de que o aluno pode ser um investigador da História. O ensino de História aqui passa a ser compreendida enquanto um conjunto de saberes a serem construídos pelos próprios estudantes a partir da mediação do professor. O uso dos jornais enquanto fonte histórica para os historiadores serve também enquanto fonte de saberes necessários para os estudantes no conjunto de suas habilidades e conteúdo a serem construídos. Os jornais, em nossa proposta de atividade, não são meros materiais pedagógicos, mas o próprio corpus do saber histórico a serem investigados com metodologia e historiografia.

O presente TCC e mais especificamente o seu produto pedagógico visa proporcionar reflexão sobre os saberes da experiência, aqueles que são produzidos no espaço de atuação profissional do docente e não nas disciplinas universitárias ou no conteúdo curricular. (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991). Maurice Tardif, ao realizar sua pesquisa identificando os saberes docentes, mais especificamente no que concerne aos saberes da experiência, atua no sentido de revalorizar o espaço da atuação profissional do docente, frente a máxima, cada vez mais ultrapassada, de que a escola não *produz* ciência apenas a *reproduz*.

Será na mesma esteira de valorização do espaço escolar enquanto ambiente de produção do conhecimento e da formação docente que este produto pedagógico propõe gerar reflexão, organizada e sistemática, sobre a própria atuação docente a partir da realização das diferentes etapas que a compõem. Como assinala Antônio Nóvoa, tendo como referência a cultura profissional da medicina, é a partir dos avanços e dificuldades da experiência que se prepara um prontuário médico. Para o educador português, o desenvolvimento de uma cultura profissional é fundamental para os professores se formarem por dentro da profissão (NÓVOA, 2009).

Assim, o trato dos jornais por parte do aluno-investigador será o centro deste segundo capítulo. A nossa proposta de atividade contém cinco etapas. As etapas deste projeto não serão estanques entre elas e nem terão conteúdos e objetivos fixos

no sentido de incólume a mudanças. A intenção é que cada etapa seja um espaço consequente à etapa anterior e que possa ser um momento para explorar novas habilidades e tecer novos objetivos em relação ao planejado. Essa proposição de permitir o inesperado dentro do necessário planejamento ocorre a partir do que Schön nomeou de “professor reflexivo”: “O processo de reflexão-na-ação (...) pode ser desenvolvido numa série de “momentos” sutilmente combinados numa habilidosa prática de ensino.” (SCHÖN, 1992) A forma como pensamos na divisão das etapas da atividade passa em muito pela metodologia dialética de Celso Vasconcellos. Vasconcelos divide a sua metodologia em sala de aula em três momentos, que não se separam de forma absoluta, ou que mais seriam três grandes dimensões de uma aula: síntese, análise e síntese. O primeiro se refere à mobilização do conhecimento, o segundo a sua construção e a terceira à síntese deste conhecimento. (VASCONCELLOS, 1992).

Nós utilizaremos as categorias de Antoni Zabala (ZABALA, 1998): factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. O uso destas irá contribuir para a diferenciar e qualificar os conteúdos mobilizados no projeto. À guisa de explicação, Zabala define enquanto conteúdos factuais o conhecimento de fatos, eventos e fenômenos singulares e concretos. Os conteúdos conceituais tratam-se da capacidade de operar ideias-síntese, símbolos e representações que traduzam a realidade. Já os conteúdos procedimentais dizem respeito aos processos e instrumentos utilizados pelos próprios estudantes na aprendizagem. Por fim, os conteúdos atitudinais se referem às atitudes e valores construídos a partir deste processo de aprendizagem.

O produto pedagógico intitulado “Investigação Histórica: os jornais e as reformas no Brasil (1961-1964)” tem como público-alvo o 3º ano do Ensino Médio. Será realizada em grupos de até quatro integrantes. Os recursos pedagógicos serão computadores com acesso à internet, vídeo, lousa branca e canetas. Esta atividade ocorrerá ao longo das aulas sobre o período da experiência democrática de 1945 a 1964.

A atividade proposta será realizada em até 11 aulas de 50 minutos. Ela está dividida em quatro etapas. O tema da atividade trata-se das reformas de base através dos jornais (1961-1964). A atividade consiste em investigar 4 páginas de jornais, duas do jornal *Última Hora* e outras duas do *Correio da Manhã*, do período de 1961 e 1964. A investigação seguirá um roteiro de pesquisa. Os conteúdos factuais desta pesquisa são: as lutas sociais durante a experiência democrática de 1950-1964; a atuação da

imprensa e suas estratégias discursivas; as reformas sociais: reforma agrária, bancária, urbana, educacional, cambial, eleitoral; Governo Jânio Quadros; Governo João Goulart; Golpe civil-militar de 1964. Os conteúdos conceituais são: reformas de base; democracia; desenvolvimento; golpe de estado; revolução; comunismo; liberalismo; trabalhismo; conceito histórico. Os conteúdos procedimentais são: análise das estratégias discursivas em periódicos; leitura de símbolos e imagens de pensamento; identificação de conceitos históricos; compreensão das disputas pelos sentidos dos conceitos de reformas de base, democracia e revolução; identificação de valores democráticos; organização de narrativas históricas. Já os conteúdos atitudinais: desenvolvimento de atitude e valores democráticos; leitura crítica dos meios de comunicação; exposição da história em uma perspectiva plural.

Na etapa I ocorrerá uma exposição dialogada sobre a imprensa na perspectiva em que a mesma se apresenta enquanto um elemento constitutivo do social e não apenas um simples enunciador de informação. A esta altura, edições do *Última Hora* e do *Correio da Manhã* serão apresentadas, assim como as suas perspectivas históricas explicitadas.

A etapa II trata-se de uma atividade intitulada “Quantas reformas cabem dentro das reformas de base?”, com a exposição dialogada sobre as reformas de base na estrutura social e econômica do Brasil na experiência democrática de 1945-1964. E a posterior exibição do documentário “Jango” de Silvio Tendler (1984).

Em seguida, na etapa III, os estudantes irão identificar o conceito de reformas de base em ambos os jornais. A partir de duas fontes previamente selecionadas pelo professor e outras duas de livre escolha, mas dentro de certos critérios. Os estudantes seguirão um roteiro de questões inspirados no roteiro de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

Na IV e última etapa, os estudantes construirão uma narrativa histórica para expor os resultados de suas pesquisas históricas. Promovendo diversas formas de narrar a história composto por elementos textuais, imagéticos, teatrais etc.

O presente produto pedagógico atende as seguintes habilidades propostas pela BNCC³⁴:

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e

³⁴ Brasil. Ministério da educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC, 2018.

processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS602) Identificar, caracterizar e relacionar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da cidadania.

(EM13CHS603) Compreender e aplicar conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.) na análise da formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas.

A primeira etapa: Imprensa e História

A primeira etapa consiste em analisar o papel da imprensa na História, dentro da chave já apresentada da imprensa enquanto constitutivo do social e não apenas enquanto veículo de informação. O uso da imprensa no ensino de história permite ao professor refletir junto com os alunos sobre o papel da imprensa enquanto um "ingrediente dos acontecimentos", que age em nome de certos interesses e projetos de sociedade e país, que faz escolhas editoriais que privilegiam certas pautas e atores, assim como silencia outros, que mobiliza sua pena contra opositores, que qualifica e desqualifica argumentos; que, enfim, legitima ou não as reformas. A ênfase se dará em conteúdos factuais e procedimentais (ZABALA, 1998).

Nesta etapa da mobilização do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992), se realizará a exposição dialogada sobre os jornais e como eles se inserem na História. Com exibição de jornais acessados pela Hemeroteca Digital. Seguindo os esforços e as perspectivas de Cruz e Peixoto, pretende-se desenvolver reflexão sobre a imprensa que possibilite aos alunos a compreenderem enquanto linguagem constitutiva do social. Evitando compreender as publicações dos jornais enquanto expressões de realidades passadas ou presentes. Aqui, pretende-se evitar perspectiva metodológica que resulta no uso da imprensa em sala de aula como mera fonte de informação, ou como um espelho da realidade. Heloisa de Faria Cruz e Maria

do Rosário da Cunha Peixoto, em artigo científico de 2007, problematizam os usos da imprensa enquanto fonte do trabalho do historiador e propõem um repertório teórico-metodológico para tratar tais fontes. Na introdução evidenciam o uso disseminado dos periódicos nos trabalhos de historiadores. Tanto quanto fontes de pesquisa ou em materiais didáticos. Assim, as autoras se debruçam sobre a seguinte questão: Se avançou muito na diversificação dos materiais com os quais os historiadores trabalham, por outro lado, houve pouco avanço na formação de profissionais da área para análise histórica desses materiais. Geralmente as publicações de jornais são tomadas como meras fontes de informação. Foca -se no assunto de interesse do pesquisador e negligencia-se completamente do restante do periódico. Tal problema geralmente se insere em uma perspectiva da história da imprensa que procura as origens e os traços gerais de sua evolução. Numa perspectiva linear e paralela à história política ou social. No sentido oposto, as autoras apontam a necessidade de tomar os jornais enquanto uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas. Assim, articular a análise da publicação no campo das lutas sociais. Nesta etapa apresentaremos o estudo de caso do UH sobre as reformas nos anos 50 e 60 (capítulo I do TCC), os procedimentos utilizados, etc.

O *Última Hora* já foi devidamente apresentado nas páginas 17 e 18 do TCC. O motivo de sua escolha foi o fato de suas páginas terem se transformado em uma tribuna privilegiada do trabalhismo, o campo político que propôs as reformas de base. Já o *Correio da Manhã* foi fundado em 1901 e existiu até 1974. se intitulava um “jornal de opinião”³⁵. Era composto por muitos artigos de opinião, sua linha editorial exibiu uma postura liberal, favorável ao capital estrangeiro como forma de desenvolver o Brasil. Politicamente, a família Bittencourt, dona do jornal, era ligada a lideranças udenistas. O *Correio do Amanhã* adotava uma postura moderada na veiculação de suas expressões. Em meios às transformações do jornalismo brasileiro do período - como a busca por diagramações mais modernas e chamativas para atrair um público maior - o jornal manteve seu formato tradicional. Assim, o veículo tornou-se um espaço de veiculação do pensamento liberal do período que dizia defender. Uma fonte muito útil para compreender as perspectivas liberais por reformas, em parte antagônicas às defendidas pelo *Última Hora*.

³⁵ REZNIK, Luís. Das massas e dos eleitores: povo, democracia e disputa política 1950-1960. Revista Tempo e Argumento, volume 13, número 32. Jan/abril 2021.

Esta é uma etapa onde se trabalhará alguns conteúdos factuais: as lutas sociais no período e a atuação da imprensa. Também serão abordados os conteúdos conceituais sobre o desenvolvimento e reformas de base, este último ainda de forma preliminar. Aqui se tangenciam os conteúdos procedimentais da análise das estratégias discursivas em periódicos e leitura de símbolos e imagens de pensamento nos jornais. Esta etapa será realizada em 2 tempos de 50 minutos.

Segunda etapa: as reformas de base

As reformas de base condensam diversas demandas populares reclamadas ao longo da experiência democrática de 1945 a 1964. O conceito de reformas de base torna-se central nas lutas políticas da virada dos anos 50 para os anos 60, exprime interesses de classes e possibilidades de uma evolução histórica para o Brasil. Trata-se de um conceito rico para refletir sobre as lutas por mudanças estruturais do país no período em questão. Nesta etapa daremos ênfase aos conteúdos conceituais e factuais (ZABALA, 1998).

A segunda etapa da atividade se iniciará com uma exposição dialogada sobre o conceito de reformas de base na experiência democrática brasileira de 1945 a 1964. Inicialmente iremos inserir as questões do que é um conceito. Em que ele se distingue de uma palavra? Por que podemos tratar as reformas de base enquanto um conceito? Koselleck determina que a diferença entre a palavra e o conceito está na disputa pelo seu sentido contido no último (KOSELLECK, 2006). Após tais questionamentos, se realizará uma exposição dialogada de como este conceito foi central nas lutas sociais do período, em especial no período previamente selecionado na atividade (1962-1963). Após a exposição dialogada, ocorrerá a exibição do documentário “Jango” de Silvio Tendler (1984), de 117 minutos.

O conceito de reformas de base será apresentado em suas linhas gerais. Nesta etapa os alunos irão aprofundar sobre o tema através da questão a ser dissertada: Quantas reformas cabem nas reformas de base? A expectativa é que eles relacionem o conceito com a reforma agrária, reforma bancária, reforma urbana, reforma cambial e reforma educacional e eleitoral. Assim, os estudantes devem especificar o conteúdo dessas reformas e o porquê de suas necessidades diante da realidade estrutural do Brasil.

O estudo das “reformas de base” através das páginas do *Última Hora* (capítulo 1) será utilizado como exemplo do itinerário do conceito. Porque podemos tratar as

reformas de base enquanto um conceito é a questão que norteará o debate nesta etapa. Objetivo é que os estudantes compreendam as reformas em seu sentido mais amplo de uma articulação de demandas populares, uma resposta ao atraso estrutural do país.

Os conteúdos factuais trabalhados são: as reformas sociais - reforma agrária, bancária, urbana, educacional, cambial, eleitoral; Governo Jânio Quadros; Governo João Goulart; Golpe civil-militar de 1964. Os conteúdos conceituais mobilizados são: democracia; desenvolvimento comunismo; liberalismo; trabalhismo e conceito histórico. Por fim, o conteúdo procedimental trata-se da identificação de conceitos históricos. Esta etapa será realizada em três tempos de 50 minutos.

Terceira etapa: o aluno investigador

A terceira etapa se iniciará com a instrução do uso e acesso à Hemeroteca Digital e os seus métodos de pesquisa. A hemeroteca digital trata-se de uma plataforma com milhares de periódicos brasileiros digitalizados. Há a possibilidade de pesquisar os jornais pelos seus nomes e após selecioná-los pesquisar dentro deles um determinado termo ou frase. Também será apresentado o dicionário histórico do CPDCOC -FGV, como apoio para os estudantes, disponível de forma on-line. Com a possibilidade de pesquisar os mais variados verbetes históricos.

Após a apresentação da Hemeroteca, os estudantes irão pesquisar o conceito de reformas de base através de duas páginas de jornais previamente selecionadas. Trata-se de uma página do *Última Hora* e outra do *Correio da Manhã*. Ambas podem ser acessadas e estão disponíveis na Hemeroteca Digital.

Fonte 01: Página do jornal do *Correio da Manhã*³⁶. Data: 10 de outubro de 1961. Página: Capa do Jornal. A fonte 01 é uma página do *Correio da Manhã*, de outubro de 1961. Esta capa foi publicada meses depois da renúncia de Jânio Quadros e da campanha da legalidade e um mês após a adoção do parlamentarismo no governo João Goulart.

Fonte 02: página do jornal do *Última Hora*³⁷. Data: 3 de julho de 1961. Página:

³⁶Fonte 01: Correio da Manhã, 10/10/1960, Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&Pesq=%22reformas%20de%20base%22&pagfis=22918

³⁷Jornal Última Hora, 03/07/1961. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=%22XIII%20Conven%c3%a7%c3%a3o%20Nacional%22&pagfis=69833>

04, seção política nacional. Esta página foi publicada um dia após a realização da Convenção Nacional do PTB. Esta edição é anterior à renúncia de Jânio Quadros. Ambas as páginas foram selecionadas por serem ricas em referências às reformas de base, contendo distintas perspectivas históricas, com os jornais dando “eco” a vozes distintas, atravessados ou não por eventos históricos culminantes. As fontes escolhidas estão longe de representar discursos caricaturais ou posições óbvias, trazendo complexidade necessária à construção do conhecimento histórico.

As fontes 03 e 04 serão escolhidas pelos próprios estudantes. As escolhas seguirão os seguintes critérios: fonte 03 será uma página do *Última Hora*, fonte 04 será uma página do *Correio da Manhã*, ambas devem ser publicações do período de 1963 a 1964, momento de efervescência na política nacional. A busca será por edições que abordam o conceito de reformas de base.

Todas as quatro fontes serão investigadas pelos estudantes a partir do roteiro abaixo proposto. Trata-se de um roteiro formulado por Cruz e Peixoto (2007) e adaptado por nós para o Ensino de História. Partimos de uma premissa básica: A imprensa não existe para ser utilizada como fonte, o uso para tal fim necessita de uma operação metodológica que será realizada pelo aluno-investigador. Segue abaixo o roteiro a ser realizado pelo aluno-investigador em cada uma das quatro fontes, o momento 11, 12 e 13 do roteiro serão realizados ao final, em perspectiva comparada.

Roteiro de investigação histórica:

- 1- Qual a identificação geral do periódico, sua periodicidade, a data de fundação? Identificação da página onde a fonte se encontra, os títulos e subtítulos contidos nela; usos de imagens e seus respectivos tipos. (A expectativa é que os estudantes compreendam a totalidade do periódico, a organização geral das páginas, seus símbolos de referência)
- 2- Quem são os grupos produtores do periódico? Os proprietários, diretores, redatores e colaboradores. A circulação e distribuição: Tiragem, preço e formas de venda e distribuição; espaços de circulação e distribuição (A expectativa é que os estudantes identifiquem aqueles que fazem o jornal, a sua direção, os nomes dos principais jornalistas, as ramificações do jornal. Devem identificar o público leitor do jornal, assim como a sua grandeza de distribuição)
- 3- Qual era a posição política dos donos dos jornais, como o jornal se posicionou em temas relevantes? (Como selecionamos um número reduzido de edições,

nesta altura do roteiro os estudantes farão uso do material de apoio. Aqui, pretendemos que os estudantes destaquem em linhas gerais o posicionamento político do jornal à época.)

- 4- Qual era o contexto histórico da época da edição da página do jornal selecionada? (mais uma vez o uso dos verbetes históricos serão úteis).
- 5- Quais foram os setores sociais “ouvidos” e “reproduzidos” pelo jornal sobre o tema?
- 6- Com que outros conceitos as reformas de base foram relacionadas pelo jornal? (democracia, autoritarismo, desenvolvimento, comunismo, etc)
- 7- As reformas de bases são retratadas de forma homogênea ou conflitante nos jornais? Há espaços para visões divergentes?
- 8- Com quais eventos históricos ou personagens as reformas foram relacionadas? Quais reformas elas reclamavam e para que?
- 9- Como tais referências mencionadas anteriormente foram utilizadas para sustentar os argumentos do periódico?
- 10- Como o jornal se posicionou diante das reformas de base? A sua posição era implícita ou explícita? Quais foram os adjetivos utilizados pelo jornal para qualificar as reformas?
- 11- Houve mudança de tratamentos do *Última Hora* em relação às reformas nas edições de 1961 e a de 1963-64?
- 12- Houve mudança de tratamentos do *Correio da Manhã* em relação às reformas nas edições de 1961 e a de 1963-64?
- 13- Utilizando nas investigações dos roteiros, escreva um texto sobre as reformas de base nas páginas do *Última Hora* e *Correio da Manhã* (1961-1963-4), em perspectiva comparada.

A ênfase desta etapa recai sobre os conteúdos procedimentais e atitudinais (ZABALA, 1998). A expectativa é que os estudantes consigam identificar o conceito de reformas de base, analisar os seus diversos sentidos em disputa, relacionar os interesses de classe mobilizados e desenvolver um senso crítico capaz de identificar os valores democráticos inseridos na época. Com o objetivo central de refletir criticamente sobre a democracia enquanto um processo de maior participação das classes populares na riqueza e na política do país. Os conteúdos factuais aqui mobilizados são as lutas sociais do período; a atuação da imprensa e suas estratégias

discursivas; Governo Jânio Quadros; Governo João Goulart. Já os conteúdos conceituais são: reformas de base; golpe de estado; revolução. Os conteúdos procedimentais: análise das estratégias discursivas em periódicos; leitura de símbolos e imagens de pensamento; compreensão das disputas pelos sentidos dos conceitos de reformas de base, democracia e revolução; identificação de valores democráticos. Os conteúdos atitudinais são: desenvolvimento de atitude e valores democráticos; análise crítica dos meios de comunicação; exposição da história em uma perspectiva plural. Esta etapa se desenvolverá em 4 tempos de 50 minutos

Quarta etapa: a curadoria

A quarta etapa trata-se da organização e exposição da investigação histórica. Ótima oportunidade para trabalhar a dimensão das diversas formas de se narrar uma história. Deste modo, trabalhar a habilidade de curadoria dos estudantes: a transformação da investigação em texto e, posteriormente, em outras formas de exposição (curadoria). Para além dos saberes docentes, o presente projeto utiliza a noção de curadoria do Valdeci Lopes, no sentido de produzir ambientes e narrativas históricas aglutinando perspectivas e processos de lembranças e contestação. Assim sendo, mais do que o produto final, o importante é o processo de organização e disposição das releituras históricas criando uma narrativa comum da turma (ARAÚJO, 2017). Os estudantes irão construir o que provisoriamente intitulamos de espaço educador através de um trabalho de curadoria. Portanto, nesta etapa, a ênfase está nos conteúdos atitudinais (ZABALA, 1998). Se iniciará com a apresentação aos alunos da ideia de curadoria. Através da importância da compreensão que a concepção deste espaço é de autoria coletiva da turma. Mediados pelos professores, os grupos devem se reunir e discutir o espaço educador.

Nesta etapa, os alunos pesquisarão na internet modelos e espaços de curadoria, exemplos de como organizar e como expor o conhecimento histórico. Sobre a relação entre ensino de história e internet, o estudo de Nucia Alexandre nos é valioso dado que há um momento do projeto de uso da internet para a pesquisa das fontes. Como aponta Nucia Alexandra, a internet impôs uma nova ótica de leitura, na qual dialoga “mais com o desejo de memória do que com a problematização da história” (OLIVEIRA, 2014), e em diálogo com os estudos de Beatriz Sarlo, a autora conclui: “os *sites* de pesquisa escolar dialogam mais como os “sentidos comuns” do que com História e seu ensino” (OLIVEIRA, 2014). Como alerta Evgeny Morozov, a internet,

mais que um avanço tecnológico, mas enquanto fenômeno social e político, formou indivíduos que reivindicam uma sociedade que resolva as consequências, mas não que não discuta as causas. Formando, assim, consumidores ao invés de cidadãos. (MOROZOV, 2018)

Aqui, trabalharemos o conteúdo procedimental de organização de narrativas históricas. E com o conteúdo atitudinal de exposição da história em uma perspectiva plural. Esta etapa se realizará em dois tempos de 50 minutos. Com a possibilidade de uma exposição para além da sala de aula, em outros espaços escolares.

4 CONCLUSÃO: A SALA DE AULA ENQUANTO LABORATÓRIO DE HISTÓRIAS

O presente TCC se propôs a percorrer os caminhos do saber histórico em dois momentos: a pesquisa histórica realizada pelo professor através dos usos de jornais e, posteriormente, uma proposta de investigação histórica para os estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Procuramos evidenciar que as etapas de pesquisa e ensino de história não são estanques, trazendo reflexões de uma etapa para a outra e, principalmente, evidenciando que o *aprender* história pode, e deve, se realizar no ato de *pesquisar*. Desta forma, uma série de reflexões metodológicas sobre os usos dos jornais na pesquisa foram trazidas para a construção do produto pedagógico: o papel da imprensa enquanto constitutivo do ser social; os critérios de seleção das edições dos periódicos de acordo com os eventos históricos selecionados, as diversas formas em que o conceito histórico se manifesta nas páginas dos jornais e os métodos para identificar as diversas disputas de sentidos em torno do conceito. Acreditamos que a realização de todas essas etapas da pesquisa pelo professor o qualifica a mediar essa reflexão e prática em sala de aula, o que buscamos desenvolver na segunda parte do trabalho. A aplicação do roteiro de pesquisa no segundo capítulo foi realizada a partir das questões, reflexões e problemas que apareceram na pesquisa do primeiro capítulo. Assim a mediação entre pesquisar e ensinar está presente no TCC e se materializou na produção do capítulo II.

O emprego da imprensa periódica no Ensino de História tem como objetivo promover a incorporação de procedimentos no processo de ensino aprendizagem, de maneira que o conhecimento histórico seja, também, fruto da própria atividade de pesquisa histórica incorporada em sala de aula. Esse processo encurta a distância entre duas dimensões fundamentais para o Ensino de História: o conhecimento em si e como se chegou a tal conhecimento. O processo para produzir conhecimento histórico sendo realizado pelos próprios alunos gera mais legitimidade à ciência histórica, visto que um dos combustíveis para os negacionistas ou a ignorância diante da ciência trata-se de negar ou desconhecer o processo para se chegar ao resultado científico. O estudante investigando a história trata-se de uma metodologia ativa que rompe com a relação professor-transmissor e aluno-receptor. Os alunos serão responsáveis pela construção do próprio conhecimento, mediado e orientado pelo professor.

No TCC evidenciamos os jornais enquanto fontes privilegiadas para

transformar a sala em um verdadeiro laboratório no qual não só os conteúdos são abordados como também os procedimentos e métodos para a sua construção. O jornal oferece a oportunidade de se trabalhar com uma diversidade de textos e imagens, bem como inúmeras possibilidades de abordagens e lógicas de leitura. O jornal, apesar de cada vez mais em desuso, continua sendo um símbolo familiar às novas gerações de estudantes, visto que a sua versão física incide de forma adaptada na internet. Para além disso, a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é um instrumento utilizado por historiadores, mas que também pode ser manuseado pelos estudantes, desde que mediado pelo professor. Do ponto de vista metodológico, as diversas chaves de leitura sobre um periódico oferecem uma gama de habilidades e competências a serem exploradas pelos alunos. A autonomia para pesquisar temáticas do campo do conhecimento histórico deve ser conquistada pelos estudantes enquanto um imperativo ético: a formação de cidadania e do pensamento crítico, percorrendo conteúdos atitudinais (ZABALA 1998). O uso da imprensa na sala de aula como fonte histórica desenvolve o conteúdo atitudinal que fortalece o direito à História (ARAÚJO, 2017). No sentido em que todos têm direito de contar a sua própria história. Corroborando com a produção de uma historiografia socialmente distribuída (ARAÚJO, 2017).

O presente TCC propôs contribuir com a reflexão acerca do Ensino de História e o uso de periódicos enquanto fonte histórica. O produto pedagógico foi resultado de uma etapa prévia de estudo de caso no primeiro capítulo. Foi necessário uma consistente investigação histórica dos jornais para que possamos indicar as potencialidades dos jornais para o Ensino de História através da proposta de um produto pedagógico. A transformação da sala de aula em um laboratório contribui com o Ensino, e também com o educador ao refletir experiências para os professores de História. Através da sistematização e reflexão da realização do produto pedagógico com a turma 3º ano do Ensino Médio. Aqui, adotamos a prática do professor-reflexivo (SCHÖN, 1992), ao analisarmos as descrições realizadas acerca do desenvolvimento de cada etapa (NÓVOA, 2009).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Valdei Lopes. “O Direito à História: O(A) Historiador(a) como Curador(a) de uma experiência histórica socialmente distribuída”. In.: GUIMARÃES, Géssica; BRUNO, Leonardo; PEREZ, Rodrigo. *Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, pp. 191-216.

BANDEIRA, Moniz. *O governo João Goulart, as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Editora Civilização Brasileira. 1978.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento – Sobre o haxixe e outras drogas*. Editora Autêntica, 2013.

CHARADEAU, Patrick. *Discurso político*. Editora Contexto. 2006.

COSTA, Luis Flávio de Carvalho (org). *O Congresso Nacional Camponês (Belo Horizonte, 1961): trabalhadores rurais no processo político brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CPDOC. Dicionário Histórico. Verbetes *Última Hora*. Fundação Getúlio Vargas (online).

CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, Vol. 35. 2009.

D'ARAUJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma & poder: o PTB de 1945-1965*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DREIFUSS, Renè. *1964 – A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1981.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964* in FERREIRA, Jorge. *Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática* (Vol. 3): Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964 – Terceira República (1945-1964). Editora Civilização Brasileira. 2019.

_____. *O Imaginário Trabalhista*. Editora: Civilização Brasileira. 2005.

FIDELIS, Thiago. “Samuel Wainer: entre Diretrizes e Última Hora”. *Revista do*

PPGHIS/UnB. Nº. 33, Brasília, Ago – Dez 2018.

FILHO, João Roberto Martim. *Forças Armadas e política* in FERREIRA, Jorge. *Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática* (Vol. 3): Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964 – Terceira República (1945-1964). Editora Civilização Brasileira. 2019.

FORMAN, Sherman. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009 (online).

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. *Memórias em disputa: Jango, ministro do Trabalho ou dos trabalhadores*. FGV, 2006.

LACLAU; MOUFFE. *Hegemonia e estratégia socialista, por uma política democrática radical*. São Paulo: Editora Intermeios, 2015.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LOUREIRO, Felipe. *A política externa brasileira do pós-guerra ao golpe de 1964: construindo as bases da diplomacia brasileira contemporânea*. FERREIRA, Jorge. *Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática* (Vol. 3): Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964 – Terceira República (1945-1964). Editora Civilização Brasileira. 2019.

MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política.

NEGRO; SILVA. *Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)* in FERREIRA, Jorge. *Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática* (Vol. 3): Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964 – Terceira República (1945 1964). Editora Civilização Brasileira. 2019.

NÓVOA, Antonio. “Para uma formação de professores construída dentro da profissão”. In: *Professores: imagens do futuro presente* Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. “História e internet: conexões possíveis”. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.12, p. 23 - 53, mai./ago. 2014.

SCHÖN, Donald. In: Nóvoa, Antônio. *Os professores e sua formação*. Dom Quixote, Lisboa, 1992.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. “Os professores face ao saber, esboço de uma problemática do saber docente”. *Teoria e Educação*, 4. 1991.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos S. "Metodologia Dialética em Sala de Aula". In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. São Paulo: Ubu editora, 2018.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

Material de apoio

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

CPDOC- FGV. Dicionário Histórico. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/acervo/dicionarios>